

# HEBDOMADARIO DE CARICATURAS

# ESPECTACULOS DE LITTERATURA

PROPRIETARIO  
R. BORDALLO PINHEIRO

REDACTORES. VARIOS

LISBOA  
40 RÉIS

CORRESPONDENCIA  
A C. SIMÕES AFRA & C.<sup>A</sup>

112, RUA DO OURO, 114

PROVINCIAS  
45 RÉIS



Os artigos e correspondencias, depois de submettidos a censura da redacção, sejam ou não publicados, não são devolvidos.

## THEATRO DE S. CARLOS

### A MENINA HARRIS

Cantora politica



onham aqui os srs. compositores typographos um travessão grande. N'ete artigoito ha-de fallar-se do Bispo.

A menina Harris que canta em S. Carlos, é uma pequeninha das que para meninas têm cara de velhas, e para velhas são tão pequeninas, engoiada e percaria de figura, com o seu que de periquito.

Este periquito costuma estacionar de dia a uma janella do thiao; e n'um estanco fronteiro, passa o tempo um deputado fusco, e mercencório a estender-lhe o dedo, para vér se ella vem poisar.

Mas ella não poisita.

O deputado pucha da grunfa vasta, arregala o olho, arrebita uma gravata de furtadões com que lá na provincia se enfeitia para a amorosa galante; e se lhe ha-de mandar presentes, bouquets, um piano, carta ou cousa que o valha; se hade offerer-lhe um jornal; uma biographia; um retrato espalhado pelos camarotes; uma serenata no terraço do theatro; uma illuminação no Chiado; o seu capote á hespanhola; o seu braço para a defender; uma penha para não ficar tão cotó; uma carroagem; a sua cadeira em S. Bento; ou mesmo, qualquer cousa serve, o seu nome e a sua mão; o que pensam que lhe offerceco?

Offerceco-lhe o Bispo!

O Bispo, que é paspalhão rasgado, poz desle logo á disposição da joven os sustentáculos do seu partido, e o bispo... como havemos de fazer palavra para os partidarios do bispo.

—os bispos correram por ordem superior a applaudir o periquito!

Estão concertados entre o bispo, e o deputado do estanco alguns triumphos para esta cantora da janeiroinha.

Vão dirigi-se-lhe algumas deputações de clergicos; hade sair de ora em diante puchada a quatro, e ha-de ser tudo deputados que a puchem; hade ter uma processão, em o tempo o permitindo; os proprios cegos que não são surdos, ha-de gritar na platea como se o fossem; algumas corporações militares, e religiosas a acompanhá-lo ao ensaio; far-lhe-ha uma poesia — o poeta L. de — conhecem? — não — nem nós.

Finalmente o bispo, que é homem para se dispensar de estudos, e que approviata esse privilegio, cantara proximoamente com ella umas variações!

O partido está a postos, na superior. Não se ouve bem d'alii; mas pôde tocar-se-lhe quasi.

Cautela, não mude o ministerio! Se vêem os regeneradores, acaba-se a prenda, e nunguem mais dá por ella senão como cantor de *qui riqi*, cantora para deputados pequenos, e bispos grandes, que o que não canta para a alma nem para o ouvido canta-o para o estanco.

## THEATRO DA TRINDADE

### O ACTOR FURTADO COELHO



iziam que ninguém o esperava! Mas tambem depois de chegar, que de historias corriam acerca d'elle!

—Ven doente, não representa.

—Ah!

—Soube que a arte estava por cá em grande atroz e decadencia, e ven para a aperfeicção e de novo a elevar.

—Então representa?

—Representa.

—Eh!

—Ponco se demorará; vem apenas escripturar companhia para o seu theatro.

—E não representa?

—Não.

—Oh!

—Ven tomar a empreza do theatro normal.

—Com os actores que lá estão?

—E com os que ha-de vir do Rio.

—E elle?

—Representa tambem.

—Oh!

—Já se sabe a verdade; o homem está doente, mas trata-se e representa. Estreia-se no *Supplicio*.

—No *Supplicio*? Uh!...

E depois dizia-se:

—Aquillo é que é!... Actor! Ensaiaador! Director! Observador! Conhecedor! Emfim um horror!

E contava-se até (como se inventa!) que o sr. Duarte de Sá mandara imprimir um livro em que explicava o seu methodo, para offerrecer ao nosso compatriota expatriado, *sub conditione* d'elle lhe arranjar uma ingenua! Era um nunca acabar!

Um bello dia poréu appareceu o cartaz da Trindade com duas novidades: uma por cima — a estreia do actor Furtado Coelho; outra por baixo — a cedencia dos lugares que d'esta recita pod-seu advir-lhe, a favor do asylo Maria Pia. Teve pois no cartaz a melhor apresentação de si proprio; pois se apenas na seguinte noite se podia avaliar o actor, bastava a leitura do cartaz para nos dar a conhecer o cavalheiro.

Appareceu-nos pois no *Supplicio* d'uma mulher o actor Furtado Coelho. Durante o primeiro acto, que para o actor, encarregado do papel de Henrique, é apenas uma *conversa* (desculpen a phrase) pareceu-nos Furtado Coelho muitas vezes natural, *dizendo* sempre bem, e pronunciando correctamente.

—Espere, espere! correctamente? então dizer *d'amanhã*, *d'Alcares* em vez de — *de amanhã*, *de Alcares* (ou *d'amanhã*, *d'Alcares*) é pronunciar correctamente?

—Ora! bagatellas! *De rebus pequentis non curat praetor*, dizia Cicero. E depois quando se estão martellando as palavras todas para sabirem direitinhas, não admira que escape alguma.

Antes isso, que escaparem muitas. E uma nossa primeira actriz não diz: *prohibe e rezze, e porreter*, etc.

—Bem, bem! já me calo. Esta miada observação a respeito dos dias não quer dizer contudo que deixasse de ser boa a impressão que o actor me deixou no primeiro acto.

No segundo, porém, foi mais fino. As mais das vezes pareceu-nos que não se lhe reproduz no rosto o que intenta persuadir que lhe vai n'alma; nem sempre os gestos são os mais adequados; diremos até que era acanhado e de máo effeito o gesto que acompanhava a phrase:

«E eu que não a suffoquei!»

E quando a mulher lhe diz que o ama e que sempre o amou etc., Furtado Coelho afasta-se da esposa criminosa com uns movimentos, que mais parecem *epilepticos*.

—E acha isso pouco natural? é necessario que um marido seja muito duro de nervos, para não ter um ataque dos ditos quando recebe uma noticia d'aquellas!

—Mais tarde quando deita a cabeça no collo da pequenita, pareceu-nos exaggerado o seu soluçar; ao vê-lo porém levantar-se com o rosto e a voz sem lagrimas, logo percebemos haver-nos enganado. Seria ainda nervoso?

—Talvez...

—Então banhos! O terceiro acto é incontestavelmente o de mais magistral desempenho. Ah, onde não tem arrebatamentos, tira immenso partido dos seus poderosos recursos de dicção; e n'essa parte, é completo.

Nos papéis que dependam exclusivamente de elegancia na figura, delicadeza nas maneiras, e correção no dizer, Furtado Coelho ha de brilhar sempre. Todos aquelles dotes elle possui em subido gráo. Quando tem, porém, de ser expansivo, cheio de paixão, de arrebatamento; quando, iodo sentime nto, e enthusiasmo, o seu papel demande vehemencia na phrase, harmonia e riqueza no gesto; quando emfim seja chamado a representar scenas mais elevadamente dramaticas, teremos em Furtado de Coelho um completo interprete?

O proprio actor, que une a uma fina intelligencia uma elevada modestia, vacillará em responder affirmativamente aquella pergunta.

## THEATRO DO GYMNASIO

### VIRGANCIA DE MULHER



á ha mais tempo deviamos ter fallado d'esta comedia em 3 actos, de Rangel de Lima, que está em scena no Gymnasio; e comquanto muitos dos nossos leitores a tivessem visto, e outros lido a descripção que d'ella fizeram os jornaes, nós daremos sempre uma ideia do que é a comedia.

O fim da comedia é protestar contra o direito que se arrogam os maridos de enganar as mulheres ao passo que as primam a ellas do direito de trahir os maridos; protesto altamente philosophico, moral, social, e sobremodo tendente á propagação das raças.

Primeiro acto — Não se passa nada. Contão-nos em scena que ha uma Carlota que é enganada pelo marido; a scena mais interessante d'este acto passa-se na cozinha, e portanto o espectador fica a vér navios conversando com o candiouro; esta illusão dura porém pouco tempo, pois que em breve sae a graciosa cabeça da sr.<sup>a</sup> Falco detraz do *abatjour*. Em resultado, n'este primeiro acto temos uma mulher trahida pelo marido.

Segundo acto — O marido trahido é enganado pela esposa; chego-lhe a sua vez; as cousas complicam-se, ha escandalos; e Falco começa o trabalhoso papel de provar ao marido, á avó, e ao publico, que ella está no seu direito de enganar o marido, dado o caso que este a engane a ella, ou mesmo antes. A segunda hypothese não se realisa, mas sim a primeira: o marido toma uma amante. Temos pois duas mulheres enganadas, e um marido, total, tres.

Terceiro acto.—Agora n'este acto é enganado... o publico,



porque Silva Pereira vem dizer que poz o relógio no *prigo* por 150.000 réis, para salvar o amigo. 150.000 réis! um homem que anda sempre a pedir dinheiro a um agiota, possuir um relógio de 150.000 réis! Mas vamos adiante: com estes dinheiros paga Cesar de Lacerda uma divida da amante; e convenção de que a esposa tem tanto direito de o trahir a elle, como elle teve de a trahir a ella, faz as pazes com a cara esposa antes que aquella catastrophe lhe caia em casa. A esposa cae-lhe nos braços aos empurros da avó, e o filho é o pai de cabel-gaonhon vintem n'estes tres actos, e o publico, sempre ávido de scenas commoventes, fica a chuchar no dedo, porque os melhoes bocadinhos d'esta comedia não se passam em scena; quando Falco proura Cesar de Lacerda para fazer uma scena de effeito, elle sae de casa; quando é elle que procura a esposa para o mesmo fim, ella mette-se a quato; e para os apanhar juntos no final do terceiro acto são precisos o avó, o neto, o primo, e o agiota.

Privado pois o publico d'estas scenas, que muito lhe agradariam, e a que a pena delicada de Rangel de Lima daria do-brado realce, contenta-se com ouvir *sn dialogos entre uma avó e sua neto* no primeiro acto; uma *conversa* entre Cesar de Lacerda e Silva Pereira no segundo, estando Cesar de costas para o publico, posição que a moderna escola acha naturalis-sima, pois dizem que é assim que a gente está em sua casa; mas os actores ali não estão em sua casa; além d'isso, mesmo em minha casa quando estou contando alguma cousa a alguém, não costume voltar-lhe as costas.

A comedia tem verdade (infelizmente ha ali verdade!), dia-logo facil e fluente, e boa exposição de um problema ou antes de uma questão, que os homens nunca poderão resolver por muito que *marrem* n'isso.

Litterariamente a comedia *C'est un bijou*; philosophico-socialmente é uma tentativa d'um curioso; o critico divisará ali espirito d'observação e trechos de boa linguagem; o espectador vê apenas na comedia um pastel de folhado, com um nucleo de boa nata no centro; os gulosos lambeirão a nata no centro, e desprezarão o folhado; os bons comedores (e nós ufanamos-nos de o ser) devorarão tudo, e dirão ao autor:—*Venha mais; outra, outra, bonita!*

AS PROPOSTAS PARA A ADJUDICAÇÃO DO THEATRO DE D. MARIA II.



ete são os peccados mor-taes; seio foram as pragas do Egypto; se as propostas apresentadas no con-curso para a adjudicação da empresa do theatro de D. Maria, que se abriram no dia 7.

As 12 horas pois do dia 7 do corrente, sem que a praça fosse aguada, mas depois de feitas as confes-sões do estylo, foi rasgado o primeiro casulo, e a bor-boleta abriu as azas á luz publica. Era a imagem da *soberba*, e vinha accompa-nhada pelos actores do *normal*; sympathica, posto que pouco numerosa pleiade de talentos, uns no occaso, outros no meridiano, e nenhum no nascente. Asseguram as más linguas que a proposta era escripta em papel imperial não pautado; mas que para os pro-prietarios assignarem sem perigo de que os nomes lhe salissem tortos, mais caridosos trapara a lapis uns riscosinhos, que os si-gnatarios seguraram escrupulosamente, evitando assim os zig-zags, que sem remedio os condemnaria a falta de pratica de escrever *corrente calamo*.

Vinha na frente da caravana a actriz Emilia das Neves, e no coice o actor Leal; d'onde se prova que é uma refinada as-neira o dizer-se que os extremos se tocam. E inquestionavel tambem que no meio não estava a virtude, por isso que os extremos a que alludimos não são viciosos.

A proposta começava estabelecendo estes principios: 1.º—Que toda a empresa reduz os artistas á miseria; 2.º—Que os desprestigia; 3.º—Que estraga os objectos pertencentes ao theatro, de-fraudando por consequencia a fazenda publica.

A sonbra de Genense, que, encolhida a um canto da sala, assistia a esta scena, rousou em voz baixa:

—Estes não querem meter-se na fôla!

Mas, oh! maldito habito das inesperadas e estapafurdias si-tuações melodramaticas! os maganões concluíam pedindo ao governo que os fizesse empresarios do theatro de D. Maria 2.º!! Prosediam como o frade que berrando contra o guardião a pro-texto de que repartia não vinho pela communidade, conseguiu substitui-lo no cargo; e o seu primeiro acto foi ir á adega, abrir o tonel, provar a pinga, e dizer aos companheiros:—  
—Não tendes razão de queixa, porque é bem boun!

O villão tinha a vara na mão.  
Lá que os actores do theatro de D. Maria effolassem e des-prestigiasssem os collegas, não importava; que fossem dando cabo do scenario, e da guarda-roupa, e da mobilia, escarepa-lando assim, e de sciencia certa, a fazenda nacional, o que significava isso? s. s.º são feitos d'outra carne e d'outro osso; razão pela qual se lhes pôde conceder o que para os outros deve ser delicto.

Ainda em cima, e para os ajudar na sua obra tão meritória, queriam que o governo lhes concedesse a bagatella de 726.000 réis mensaes, ou 8.712.000 réis por anno! Caro acoque para os filhos de Thalia! Generosidade extrema para com os que se propunham a estragar o que honvesse no theatro!

Parece que quem pedia tanto devia offerecer alguma cousa mais do que a escravidão dos seus, e a ruina do alheio, não é verdade?

Pois saibam quantos este publico instrumento de noticia vi-am, que taes finanças nem para o banco de Portugal entravam com os 4.000.000 exigidos no programma! e que o fundo so-cial, isto é, a garantia moral que poderiam dar ao governo, se

este quizesse dispensar-lhes o deposito, cifrava-se na intelli-gencia e na industria de cada um dos associados!!!!

E muito para os tornar dignos do nosso respeito e da nossa admiração, mas absolutamente nada para a segurança de um contracto sério.

E a arte é barro? não sahiria nas mãos immaculadas d'a-quelles sacerdotes, pura de todo o máo contagio, limpa do lodo em que os especuladores a trazem envolta?

Para isso e por isso é que as consciencias escrupulosas dos signatarios da proposta pozaram sobre o animo do sr. D. An-tonio da Costa, e conseguiram que s. ex.ª decretasse a liber-dade do genero, que é o mais forte escudo contra os ataques ao máo gosto e á honra da scena.

Guerra as magias! Morie e affronta ao Offenbach! mas ven-ha a nós o direito de representarmos obras burlescas, e pe-sasinhas em que o cordel e o dragão vomitando valverdes al-traiam a concorrencia e os applausos.

Para si um Deus, para os outros um diabo! Santas creaturas! sublimes Tartufos! mas duas mil vezes mais sublime Molière, que por toda a eternidade lhes põe as calvas á mostra.

Abramos agora um parenthesis, e nas hastes d'elle espete-mos as quatro folhas de papel branco, que figuram n'esta co-media como quatro avelutas destinadas a assustar a visi-nhança; e passemos sem perda de tempo á sexta proposta, á mais curiosa de todas, á que symbolisava a *Inveja*, e era assig-nada por Cesar de Lacerda.

O regenerador da arte prostituida, o *foederis arca*, o Messias que a um simples aceno e com as unicas palavras—*Surgit et ambulat*—poderia ergue-la do tumulo, diz Cesar de Lacerda que era *Cesar de Lacerda* só e mais ninguém! com a modestia que lhe é peculiar (e que não seria igualada senão pela mo-destia d'aquelle autor que em letra redonda elogiava as pro-prias composições), o illustre Esculapio dos bastidores rapa da penna e despara a seguinte boticação:

Recipê:  
Declamação da minha lava..... 1 aula  
Musica e dança de C. Falco..... 2 aulas  
Polvilho de esgrima m. e m.

7/11.º/70

Dr. Lacerda.

A applicação d'este remedio era para arrebanter um cavallo hanoveriano, quanto mais a pobre arte dramatica, franzininha e lymphatica como foi sempre sob este sol, e entregue aos cui-dados de charlatães que lhe apertam os gorgumilhos e a affo-gam, a titulo de lhe fazer desaparecer do peçoço os carcoços, cuja origem são elles mesmos. O appendice que Cesar de La-cerda pretendia juntar aos autos do Conservatorio Real de Lis-boa, produziria sem duvida sazoados fructos; e posto que lhes faltasse o curso de grammatica portugueza, os alumnos da nova escola não escreveriam decreto, como seu mestre escreve, *entereoses* em lugar de *interesses*, etc.

Com as aulas de declamação, esgrima, dança e musica (e porque não tambem natação?) regidas pelas duas estrellas do Gymnasio; e com uma companhia *regular* como a que se en-contra ali, é que Cesar de Lacerda se responsabilisava a reali-sar o milagre da regeneração da arte!... Se o conseguisse teria feito maior avaria do que a dos dois pães e cinco peixes.— Além de todo este serviço, muito similhante ao que por oito-centos mil réis prestava a filha do *Pae da actriz*, Cesar de Lacerda descobriu um novo incentivo para os autores nacio-naes—pagar-lhes o dobro dos direitos que lhes são pagos pelas empresas particulares—isto é—*metade* do que lhes compete pela tabella do theatro de D. Maria! Já é ser perdulario e... espertalhão!

Acrescentando a estes herbicachos o de extinguir-se á respon-sabilidade das escripturas, que o governo garantio até junho de 1872, e ao deposito; e o de padir 4.000.000 de subsidio a fim de entreter o *sofido* nacional; conclue o benemerito cidadão a sua pallinada com outra objurgatoria contra os que menos prezam a arte dramatica, espedecendo-se que mais d'uma vez a tem empalmo em armadilhas que a platea geral applaude; mas que o bom senso, a consciencia litteraria, e Fr. Francisco de S. Luiz repellam com desgosto.

A sétima proposta era simples, grave e substanciosa. Não tinha perlonças a offender ninguém, nem era apresentada como Memoria, para que aos actores d'ella fosse escancarada a porta da Academia Real das Sciencias.

Santos & C.ª aceitava as condições do programma publica-do no Diario do Governo; promptificava-se a fazer o deposito de 4.000.000; angmentar o pessoal artistico com actores tão distintos como Emilia Adelaide, Santos, Virginia, e Antonio Pedro; e pedia unicamente 2.900.000 réis de subsidio; e d'esta garantia teria prescindido, se não fosse obrigado a manter o contracto da actriz Emilia das Neves, que é hoje um onus para toda e qualquer empresa.

Por esta breve explicação já vêem os leitores para quem se inclinava a justiça. E justiça foi feita. As 5 horas da tarde do dia 10 adjudicava o Bispo de Vizeu a empresa do theatro de D. Maria a Santos & C.ª; ficando o Messias da Travessa do Secretario do Guerra, e os Bismarks do Agrião a chuchar no dedo! *Sic transit gloria mundi!*

Foi hontem encontrado á porta da caixa do theatro de D. Maria um papelinho, no qual estavam escritos os seguintes versos:

Terminou por fim a guerra  
Que as algeibaras e os lares  
Nos ia pondó por terra;  
Não façamos mais espanto:  
Vamos beijando os altares  
Pra depois beijar os Santos.

Suppõe-se que a sextilha é obra d'aquelle Camões que Junot prometten ao Algarve.



em vae a época thestral para os an-thores e para o publico, porque vae avultando o numero de composições originaes, que sobem á scena nos dife-rentes theatros.

Na rua dos Condes está já em en-saios para subir brevemente á scena um drama marítimo em cinco actos, original, intitulado *O Filho do norte*.

Esta composição, junta a *Christo-vão Colombo*, original de Lopes Car-doso, e ao *Porta-bandeira da 99 de linha* original de A. Garrau, somma tres peças originaes de grande espec-taculo, que a *sociedade artistica*, ali estabelecida, tem apresentado ao pu-blico.

Addicionem-se ainda mais dois ori-ginaes de Lopes Carдозo, um d'elles intitulado *O Trinta Diabos*, que o mesmo theatro não tem concorrido pouco para o movimento littera-rio, que parece ganhar agora no nosso paiz nova animação.

Continuem pois na sua honrosa tarefa, que a arte e o pu-blico muito terão que lhes agradecer.



*audet populus!* Na proxima quarta feira, 16, sobe á scena no theatro da Trindade o dra-ma em 5 actos de Octavio Feu-ler, intitulado *Dalila*, em que Furtado Coelho tem o principal papel.

Neste drama estreia-se tam-bem o theatro da Trindade o actor Silveira, que foi do Gym-nasio.

Não serão bastantes estas ras-ões para justificar a anciedade do publico pela noute de qua-rta feira?  
Crêmos que sim.

O theatro de D. Maria, sob a nova administração Santos & C.ª, abre com o drama de Alexandre Dumas (pae) *Antony*, que o publico já teve occasião de applaudir no theatro do Principe Real, e em que Santos desempenha o principal papel.

A Emilia Adelaide foi confiado o papel que era no theatro do Principe Real desempenhado por Carolina Falco.

Alligura-se-nos que para o theatro de D. Maria (ou theatro *normal*, como por ali lhe chamam) vae raizar uma nova epocha de prosperidade.

Deus o queiral!  
Para o theatro de D. Maria escreverem Pinheiro Chagas, o festejado author da *Morgadinha de Val-Flor*, um novo drama intitulado *Helena*; e que segundo nos affirma quem o ouviu ler, será uma nova corda litteraria para aquelle laborioso es-criptor.



ae ser arrendado á *sociedade artistica* do the-atro da rua dos Condes o edificio em que funciona aquella sociedade, e que até agora tem estado arrendado á Associação do theatro da rua dos Condes—Esta Associação que prestou grandes serviços á arte dra-maticca, e que já nenhum presta actual-mente, acabou; hoje já não tem razão de ser, é inteiramente anachronica.

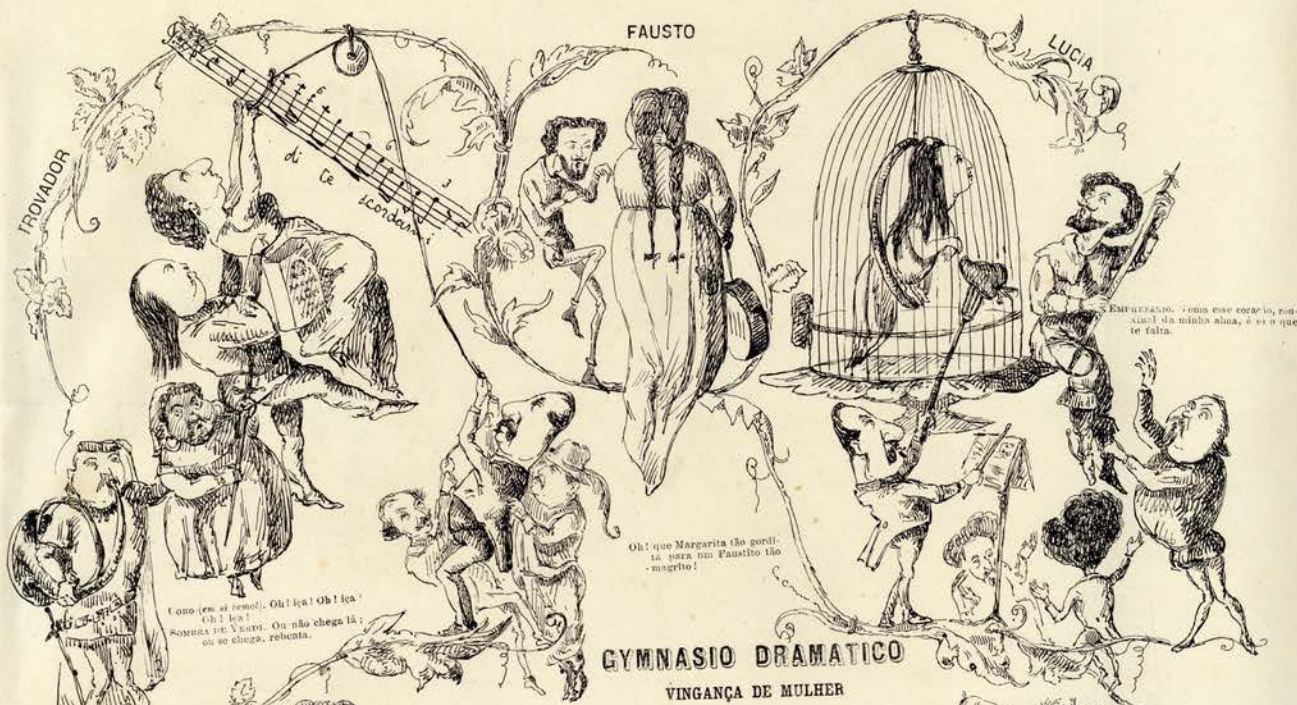
Longe de auxiliar actualmente, aq-uella Associação antes embarçava a vida da sociedade dos actores, que tra-balha na rua dos Condes; e seria louca pertençação que a sua exis-tencia fosse eterna.

Não é só como actor consumado que Furtado Coelho se torna digno de ser admirado. Thalia associou-se a Terpsichore; a musica é mas uma prenda que ornas aquelle talento distincto. Lembra-mos do author da walsa tão conhecida dos *Dois Mundos*? Pois esse mesmo compoz uma nova walsa intitulada *Murmúrios do Trigo*, que já se acha á venda nos armazens de musica, e na tabacaria do theatro da Trindade, etc.



# THEATRO DE S. CARLOS

## FAUSTO



LUCIA

TROVADOR

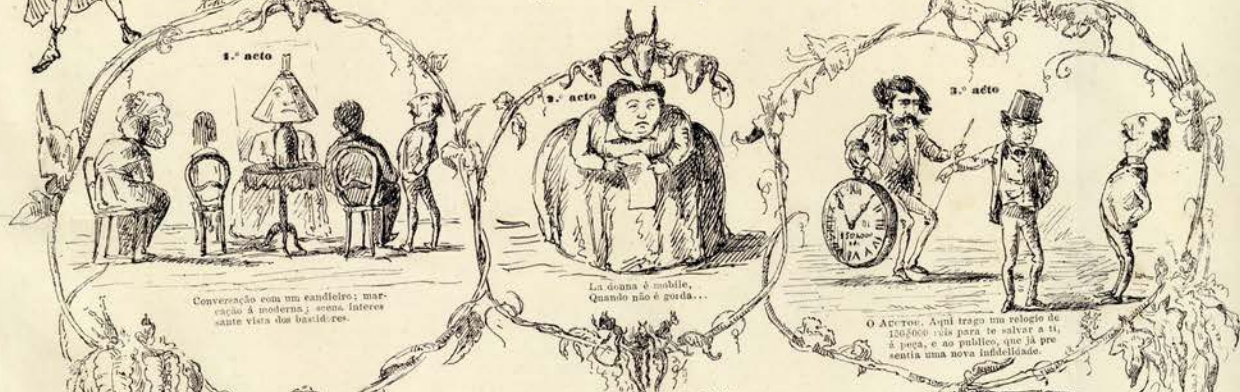
Como em si temo! Oh! lica! Oh! lica!  
Oh! lica!  
SOMBRAS DE VANTO. Oh não chega lá;  
ou se chega, rebenta.

Oh! que Margarita tão cori-  
ta para um Faustito tão  
magrito!

Estimulado. Como esse coraço lo, rom-  
bado de milha alma, é se o que  
te falta.

## GYMNASIO DRAMATICO

### VINGANÇA DE MULHER



1.º acto

2.º acto

3.º acto

Conversação com um candieiro; mar-  
cação á moderna; scena Interes-  
sante vista dos baidões.

La donna é mobile,  
Quando não é gozda...

O Actor. Aqui trago um relógio de  
150.000 reis para te salvar a ti,  
á peça, e ao publico, que já pre-  
sentia uma nota infidelidade.

## THEATRO DA TRINDADE

### SUPPLICIO D'UMA MULHER



3.º acto - 1.ª scena

2.º acto

3.º acto - 3.ª scena

INTERROGATORIO. O marido enganado  
pergunta á Alvarés (que vem com  
a barba por fazer) de que feita  
quer a corda com que ha de ser  
enfreado.

N. B. Por estas alturas, uma dama  
tem um chilique n'um camarote;  
alguns maridos parece sentirem  
corrupção de agua no braço infor-  
mando-se-lhe pela cara aboixo.

Dois a um asso; a dama que de esce-  
ras, o marido guarda a popema;  
e o tralador corrido vai fazer a  
barba.

Lisboa, 10 de Novembro de 1876  
Ceshaes Rodalhe Pinheiro

Comeca a ver-se a importância que  
tem um papel nos papeis que cada  
um representa. A dama sente o  
peito muito opprimido...



